

Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva
número 1 -novembro de 1998

Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva
Número 1 - Novembro de 1998

Conselho Editorial

Edwin Gentzler
Else Vieira
Haroldo de Campos
Heloísa Gonçalves Barbosa
Ignácio Neiss
John Milton
Lúcia Rebello
Lya Luft
Maria da Graça Krieger
Rosemary Arrojo
Tânia Franco Carvalhal

Translatio/Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva. IL/UFRGS. Vol. 1, (nov. 1998)-
Porto Alegre: NET, 1998 -

---v.

Anual

1. Estudos de Tradução. 2. Literatura Comparada. 3. Estudos Culturais.

CDD 418.02

Apresentação¹

Por que “Espaço e Poesia”?

A questão do espaço parece estar no centro das preocupações da poesia contemporânea. A lembrança dos títulos de algumas coletâneas lançadas na França ao longo dos últimos vinte e cinco anos (*Fragments do cadastro*, *Ares*, *No calor vacante*, *Lugares precários*, *O Campo de maio*, *Na ilusão do limiar*²...) testemunha por si-só a insistência de uma temática espacial nas obras dentre as mais representativas da modernidade poética. A teoria da escritura e o discurso crítico, também eles, parecem não poder privar-se do apoio de metáforas espaciais: quer se trate de um pensamento do *traco*, de uma reflexão

* Dilamar Paulo Jhan é bolsista CNPq/PIBIC no Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva.

¹ Texto que abre o volume dos *Anais do Colóquio Encontros sobre a Poesia Moderna: Espaço e Poesia*, evento realizado em Paris nos dias 13, 14 e 15 de junho de 1984, publicado em 1987.

² M.Deguy, *Fragments du cadastre*, Gallimard, 1960; Philippe Jaccottet, *Airs*, Gallimard, 1967; André du Bouchet, *Dans la chaleur vacante*, Mercure de France, 1961; Jacques Garelli, *Lieux précaires*, Mercure de France, 1972; Pierre Oster, *Le Champ de mai*, Gallimard, 1955; Yves Bonnefoy, *Dans le leurre du seuil*, Mercure de France, 1975.

sobre “o ato e o *lugar* da poesia”, ou de noções mais técnicas como as de *isotopia* e *alotopia*³.

Pode-se perguntar porque a poesia, que é uma arte da linguagem, tem necessidade do espaço para nele reapossar-se de sua essência ou de sua imagem: trata-se de um simples efeito de espelho, da projeção de fenômenos puramente lingüísticos no campo espacial? Ou, ao contrário, é preciso levar a sério a relação assim postulada entre a “página” e a “paisagem”, tentar compreender a necessidade que une o espaço da poesia à uma “poética do espaço”⁴? Pareceu-nos que a filosofia e as ciências humanas poderiam ajudar-nos a responder a estas questões que animam a poesia contemporânea. Para essas disciplinas também o espaço tornou-se um tema privilegiado de interrogação, como o indica por exemplo a multiplicação, na França, desde alguns anos, de estudos e colóquios consagrados à *paisagem*⁵. Se elas podem assim interpretar os fenômenos humanos através de sua inscrição no espaço, não seria pelo fato de ser este portador de significações e, portanto, ligado, por uma relação problemática mas incontestável, à linguagem mesma?

O interessante, então, pareceu-nos reunir poetas, críticos literários, mas também filósofos, estetas, psicanalistas, a fim de que juntos tentassem aprofundar esta reflexão nascente sobre as relações do espaço com a linguagem, e com a linguagem poética em particular. Eles o fizeram segundo métodos e perspectivas diferentes, mas que se revelaram em definitivo preciosamente complementares, e algumas vezes, notavelmente convergentes.

³ Jacques Derrida, *L'Écriture et la Différence*, Le Seuil, 1967 (A Escritura e a Diferença, Ed. Perspectiva); Yves Bonnefoy, *L'acte et le Lieu de la poésie*, in *L'Improbable*, Mercure de France, 1959; Groupe, *Rhétorique de la poésie*, éd. Complexes, 1977.

⁴ Jean-Pierre Richard, *Pages Paysages*, Le Seuil, 1984; Gaston Bachelard, *La Poétique de l'espace*, PUF, 1957.

⁵ Notadamente: *Mort du paysage?*, Champ Vallon, 1982; e *Lire le paysage, Lire les paysages*, CIEREC, Université de Saint-Étienne, 1984.

Alguns desenvolveram uma reflexão geral, de ordem metafísica, fenomenológica, estética ou psicanalítica. Outros preferiram dar, como suporte à sua interrogação, o estudo de obras ou de textos poéticos específicos. Mas tanto uns como outros esforçaram-se por manter unidos os dois termos da problemática: espaço e poesia. A interpretação filosófica das estruturas da espacialidade propôs-se sempre a esclarecer aquelas da linguagem poética. E a análise de obras jamais se restringiu ao âmbito do texto, mas mostrou-se constantemente atenta em dar conta de sua abertura ao espaço exterior. Longe de justapor meditações distantes de toda realidade textual e de pesquisas formais, privadas de toda dimensão hermenêutica, este colóquio permitiu verdadeiros *encontros* entre a reflexão filosófica e a investigação crítica.

Dentre as diversas contribuições apresentadas, gostaríamos de assinalar aqui, brevemente, algumas das mais importantes. Teremos aí algumas hipóteses de leitura que não pretendem absolutamente dar conta da riqueza e da diversidade dos textos recolhidos mas, antes, sugerir sua comum pertença a determinadas interrogações fundamentais.

A questão principal proposta e a que se propõem os autores destas contribuições é a do ponto de ancoragem da poesia no espaço. Para tal questão, trazem respostas de inspirações distintas; a maioria, no entanto, tende a situar esse ponto num lugar problemático, que seria ao mesmo tempo um não-lugar. Sobre este “lugar fora de todo lugar”⁶, várias formulações e interpretações filosóficas são aqui propostas, o mais frequentemente heideggerianas (a utopia no topos, de que fala M.Deguy) ou fenomenológicas (o horizonte, evocado por M.Collot), à luz de experiências como a vertigem (H.Maldiney), o esquecimento (M.Tran van Khai e P.Fédida) ou a percepção. Se nos revela, ao ler essas análises, que o espaço não se reduz ao visível, mas comporta uma parte irreduzível de invisível; o testemunho de poetas, a reflexão de filósofos e a investigação crítica parecem convergir para esse ponto cego para designá-lo como o lugar-mesmo onde a linguagem encontra sua possibilidade, onde o “verbal” une-se ao “visual”, para retomar as expressões de A.Kibédi-Varga. Na medida em que a doação de

⁶ Claude Esteban, *Un lieu hors de tout lieu*, Galilée, 1979.

espaço na percepção não é jamais plena nem inteira, ela alude à abertura de um outro espaço: aquele da palavra, que é também o espaço do Outro, como o sugeriram notadamente J.Holman e J.Onimus, ou ainda aquele do à-vir, segundo a constituição fundamentalmente ex-tática da temporalidade poética, lembrada por J.Garelli. Essa lacuna abre o espaço a múltiplas possibilidades de expressão poética. É um não-lugar que dá lugar à escritura.

Essa relação da poesia com uma negatividade produtiva parece confirmada pelos estudos críticos reunidos no volume, quer se dediquem às representações do espaço no poema ou à organização do próprio espaço textual. Constata-se, com efeito, que os poetas e seus críticos privilegiam imagens e experiências espaciais que remetem a um irrepresentável do espaço: o do exílio, examinado a propósito de Dante por E.Formentelli; o do ar, estudado por J.-C.Mathieu em Philippe Jaccotet; os da casa vazia ou do centro ausente, identificados por J.Chénieux nos textos de Leiris. Tais imagens designam um espaço inimaginável que é, para a invenção poética, um espaço de liberdade. Como este “negativo do espaço” inscreve-se concretamente no texto propriamente dito? Várias contribuições evocam o importante papel que jogam o desvio, o branco, o espaçamento tipográfico, as rupturas sintáticas nos poemas contemporâneos. Mas como analisar esses fenômenos? Devemos recorrer à poética e à retórica modernas? Ou, ao contrário, é preciso abster-se, na medida em que essas disciplinas fundamentam-se no postulado do fechamento do texto, negligenciando precisamente sua articulação ao espaço extra-texto? Esse debate metodológico esteve no centro das discussões do colóquio e continua aberto. Parece-nos, no entanto, que determinadas contribuições sugerem a possibilidade de utilizar os instrumentos fornecidos pelas “ciências da linguagem”, que se revelam hoje indispensáveis à uma descrição precisa do espaço textual, pondo-as ao serviço da compreensão de uma certa visão, ou de uma certa visada, do mundo; é o que faz por exemplo M.Deguy quando aproxima a estrutura da metáfora à da comparação. Tal “afastamento” de metalinguagens de inspiração formalista em benefício de um “retorno às coisas” não será de resto um justo retorno das coisas? A maioria dessas noções metalingüísticas (a começar pela de metáfora) não são elas com efeito tomadas de empréstimo ao vocabulário do espaço? Talvez um dos ensinamentos mais preciosos desta confrontação entre poetas, filósofos e críticos seja este convite de mutuamente ultrapassar a oposição ainda muito freqüentemente mantida entre análises textual e

abordagem hermenêutica, de evitar o duplo risco do formalismo e do idealismo em benefício de uma exploração conjunta dos espaços lingüísticos e extra-lingüísticos abertos pela poesia moderna: “pois uma ação muito profunda e tocando a um outro terreno que não a poesia exerce-se no domínio apenas conhecido do poema” (P.Oster).